

A constituição do sujeito a partir de um lugar intervalar

Caroline Mallmann Schneiders¹

Universidade Federal de Santa Maria

carolletras2005@yahoo.com.br

Resumo. *Propomos analisar, no presente trabalho, como o sujeito, sob uma perspectiva discursiva, subjetiva-se no interior das proposições sobre a língua em obras sobre o estudo da língua portuguesa no/do Brasil. No caso, estaremos trabalhando com a obra Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil (1ª edição, 1951) de Serafim da Silva Neto. É preciso ter em vista que a materialidade discursiva tomada como corpus de análise está sob o olhar do filólogo, sendo esta a ideologia que predomina sobre os estudos da linguagem nesse determinado contexto sócio-histórico. Mas, também é necessário considerar, que é nesse período que a Lingüística Moderna no Brasil se expande, ganhando força perante aos estudos da linguagem, ou seja, esse período é caracterizado por uma transição de saberes, do filólogo para o lingüista. Diante disso, procuramos explicitar o processo da constituição do sujeito nesse discurso científico em voga na década de 50, atentando, em especial, duas posições-sujeito que perpassam os estudos da linguagem desse período: a posição-sujeito filólogo e a posição-sujeito lingüista. Esse estudo está sob à luz dos pressupostos teóricos da Análise do discurso derivada dos trabalhos de Pêcheux e da História das Idéias Lingüísticas ancorada na equipe de Eni Orlandi.*

Palavras-chave: língua, sujeito, ideologia.

Abstract. *We propose to analyze in this work, by following a discursive perspective, how the subject is constituted into propositions about the language in works concerning the study of Portuguese Language in/from Brazil. In this case, we deal with the work Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil (1st Ed., 1951) by Serafim da Silva Neto. It is necessary to consider that the discursive materiality taken as corpus of analysis is under the philologist's view, since it was the ideology that predominated in the studies of language in this given social-historical context. It is also necessary to take in account that this period is the one in which Modern Linguistics expands in Brazil, becoming a strong area in front of the studies on language, that is, this period is characterized by a transition of knowledge from the philologist to the linguist. In face of this, we search for explicating the process of subject constitution in the scientific discourse that began to circulate in the fifties by paying special attention to two subject positions that constituted the studies on language in this period: the position of philologist and the position of linguist. This study follows theoretical domains from Discourse Analysis based on Michel Pecheux's works and from History of Linguistic Ideas based on Eni Orlandi and her group's studies.*

¹ Aluna do oitavo semestre do curso de Letras-Português da UFSM, bolsista PIBIC/CNPq. Trabalho orientado pela Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer.

Keywords: language, subject, ideology

1. Considerações iniciais

A posição do sujeito lingüista tem seu lugar instituído como cientista da linguagem a partir da sistematização da obra *O Curso de Lingüística Geral (1916)* de Ferdinand de Saussure, a qual conferiu a Lingüística o estatuto de ciência da linguagem. Esse marco para os estudos lingüísticos foi no início do século XX, e a instauração dessa nova perspectiva deu uma abordagem descritiva aos estudos da linguagem. No entanto, a abordagem comparativo-histórica, que predominava anteriormente, não dissipou, passando ambas as perspectivas a coexistirem no mesmo espaço. Assim, lingüistas e filólogos, a partir do século XX, dividem o espaço dos estudos da linguagem.

No Brasil, os estudos lingüísticos sempre se mantiveram, em primeiro lugar, relacionados à língua portuguesa, apresentando, principalmente, como campos de interesse: “a história e a filologia do português; o estabelecimento de uma língua padrão para o Brasil, e a dialetologia brasileira” (Mattoso, 1976, p.47). Considerando as tendências atuais dos estudos lingüísticos, que iniciaram a partir do século XX, ou seja, a Lingüística descritiva, é somente na década de 40 que ela foi sistematizada entre os estudos brasileiros. A obra que conferiu a sistematização da Lingüística Moderna no Brasil foi *Princípios de Lingüística Geral (1941)*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr. A partir de então, ficam marcados novos saberes nos estudos da linguagem do Brasil, e, portanto, um novo lugar/posição para se tomar.

Atentando ao contexto histórico-social dos estudos lingüísticos do Brasil, nas décadas de 40 e 50, podemos dizer que se trata de um período um tanto conturbado. A Lingüística Moderna procurava por espaço, e não encontrando, pois os estudos predominantes voltavam-se a Filologia, insere-se nos cursos superiores junto a essa disciplina. No entanto, essa inserção não foi bem sucedida, uma vez que a Lingüística e a Filologia tratam dos estudos da linguagem sob perspectivas diferentes. Assim, os filólogos barraram a fusão desses saberes, porém essa posição dos filólogos não impediu que a Lingüística continuasse a ser divulgada através da Filologia, mas, é claro, de forma proibida (Altman, 2003).

Essa “luta de lugares” dos estudos filológicos e lingüísticos, de modo geral, é decorrente, sobretudo, da forma de ambos tratarem a língua e da forma do estudo que empreendiam. A preocupação da Lingüística, do ponto de vista saussuriano, estava na descrição e explicação dos fatos da linguagem verbal humana, a partir de um estudo sincrônico, de um estado atual e específico da língua. A língua é pensada enquanto produto social e sistema de signos, sendo, pois, um conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo (Mattoso, 1974). Já os estudos filológicos, preocupavam-se com o aspecto histórico da língua, com as evoluções e modificações da língua através de estudos comparativos. A língua é pensada enquanto produto social, pois está ligada à sociedade, e, principalmente, pensada enquanto fato histórico, visto que os filólogos acreditavam na possibilidade de chegar às suas evoluções e às suas modificações somente a partir do seu estudo ao longo da história.

Tendo em vista essas duas diferentes abordagens que permeavam as condições de produção dos estudos científicos da linguagem durante as décadas de 40 e 50 no Brasil, propõe-se neste trabalho analisar como o sujeito, mais precisamente, o estudioso da linguagem Serafim da Silva Neto, sob uma perspectiva discursiva, subjetiva-se no

interior da obra *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (1ª edição, 1951). Esse estudo está sob à luz dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de orientação francesa e da sua relação com a História das Idéias Lingüísticas, uma vez que procuramos explicitar a constituição do sujeito discursivo na e pela língua tendo em vista uma visão histórica, para, assim, chegar à historicidade e aos sentidos.

No que concerne ao objetivo deste trabalho, é preciso ter em vista que a materialidade discursiva que tomamos como corpus de análise está sob o olhar do filólogo, tendo como norte essa Formação Ideológica. Mas, também é necessário considerar, como já ressaltamos, que é nesse período que a Lingüística Moderna no Brasil se expande, ganhando força perante aos estudos da linguagem, ou seja, esse período é caracterizado por uma transição de saberes, do filólogo para o lingüista. Diante disso, procuramos explicitar o processo da constituição do sujeito nesse discurso científico em voga na década de 50, atentando, em especial, a duas posições-sujeito que perpassam sobre os estudos da linguagem desse período: a posição-sujeito filólogo e a posição-sujeito lingüista.

2. Considerações teóricas

Tendo em vista que o presente estudo está vinculado à perspectiva discursiva, faz-se necessário mobilizar noções pertencentes a essa via teórica, visto que através delas poderemos chegar ao processo da constituição do sujeito na e pela língua. O nosso corpus de análise está sendo tomado como um discurso, sendo este a unidade de análise. É entendido como um objeto lingüístico-histórico, uma vez que é originário da relação do lingüístico, através da língua, com a história, a qual tem como mote um lugar sócio-histórico para significar. Logo, é a partir do discurso que se pode compreender como a língua na sua exterioridade produz sentidos.

Para Pêcheux (1988), o discurso, além de ser concebido como um objeto lingüístico-histórico, é tomado como efeito de sentidos entre locutores, resultante dessa articulação entre a língua e a história. Os locutores a que Pêcheux se refere, quando pensados no domínio do discurso, não se tratam de indivíduos empíricos, mas de sujeitos que estão no nível do simbólico, constituindo os discursos e produzindo efeitos de sentidos a partir do lugar sócio-histórico-ideológico em que estão imersos. Isso porque os indivíduos são interpelados em sujeitos via ideologia; ou seja, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (Orlandi, 2001, p. 17).

O sujeito, ao se inscrever em determinada ideologia, é afetado por ela, e, por conseguinte, afeta o seu discurso. No momento em que a ideologia pode ser apreendida no interior de uma materialidade discursiva, o sujeito se constitui e os sentidos emergem, em conformidade ao lugar sócio-histórico-ideológico em que o discurso foi constituído. Desse modo, podemos corroborar que os sujeitos e os sentidos estão atrelados à ideologia e às condições de produção do discurso, além de constituírem-se concomitantemente, havendo, pois, um imbricamento entre sujeito/discurso/sentido.

No entanto, o sujeito não é somente determinado pela exterioridade, é também constituído e atravessado por um inconsciente – contribuição essa que advém da psicanálise. O inconsciente do sujeito é constituído por uma memória do dizer, a qual contempla discursos já-ditos que podem afetar a constituição discursiva. Sendo assim, o discurso relaciona-se com essa memória do dizer para significar, visto que é através

dessa ancoragem, dessa sustentação ao outro, que as palavras produzem sentidos e podem ser interpretadas.

Por sua vez, a memória discursiva está ligada ao interdiscurso - memória afetada pelo esquecimento - sendo a noção que abrange todos os saberes já existentes, advindos, conseqüentemente, de lugares diferentes, ou melhor, de ideologias diferentes. Com isso, podemos dizer que o sujeito está ligado à incompletude, à dispersão, pois tem a possibilidade de remeter o seu discurso a inúmeros outros, inclusive a ideologias diferentes, uma vez que todo o contexto circundante pode lhe afetar. O sujeito, então, pode tomar diversas posições-sujeito no interior de seu dizer, não sendo, portanto, um sujeito estanque. No entanto, essa liberdade do sujeito é regulada pelo seu modo singular de se relacionar com a ideologia que o domina, assujeitando-se a ela e, em conseqüência, resultando numa forma-sujeito histórica social.

O sujeito afetado pela ideologia inscreve-se em uma Formação Ideológica (FI). Esta abriga as posições ideológicas que os sujeitos podem tomar, e é colocada em funcionamento, ou projetada na língua, através da Formação Discursiva. Então, todo sujeito está ligado a uma FI específica, mas podendo ser afetado pelas que o rodeiam; e é a FD que representa como o sujeito relaciona-se com a ideologia que o predomina, e também com os saberes que advêm de outros lugares. Dessa forma, uma FD é constituída por diferentes saberes, ou seja, é heterogênea, visto que em seu interior há lugar para o mesmo e para o diferente. Em conseqüência, o sujeito torna-se igualmente heterogêneo, uma vez que pode se relacionar com os diversos saberes pertencentes à FD, isto é, pode tomar diferentes posições-sujeito.

A projeção da FI na língua, a partir da FD, pode ser evidenciada pelo interdiscurso, este, por sua vez, quando colocado em relação a uma FD torna-se regionalizado, pois cada FD delimita o que pode e deve ser dito, mas também o que não pode e não deve ser dito de acordo com a determinação ideológica do sujeito. Desse modo, “a FD se constitui na relação com o interdiscurso (a memória do dizer), representando no dizer as FIs” (ORLANDI, 2004, p.21); a ideologia, portanto, produz efeito no simbólico através do interdiscurso, pelo inconsciente, fazendo com que o sujeito seja assujeitado por ela para constituir-se como tal.

Diante disso, partimos do princípio de que o sujeito constitui-se no interior da materialidade discursiva pelo atravessamento da ideologia, pois esta afeta na maneira como ele se relaciona com a exterioridade, com os elementos sócio-histórico-ideológicos de determinada formação social; e pela interpelação do interdiscurso, visto que é este quem coloca em funcionamento a ideologia que predomina através do inconsciente. Nesse sentido, consideramos que o sujeito, sob o ponto de vista discursivo, é afetado pela ideologia e interpelado pelo inconsciente. A partir dessa tríade, sujeito/ideologia/inconsciente, poderemos compreender qual a posição ou posições que o sujeito toma frente ao seu dizer, e também apreender os sentidos possíveis na materialidade discursiva.

Portanto, buscamos evidenciar, em nosso estudo, como o sujeito, afetado pela ideologia que o domina e pelo contexto histórico social em que está inserido, posiciona-se. Ou seja, procuramos analisar como o sujeito vai tomando a(s) posição(s) em seu dizer de cientista da linguagem e quais efeitos de sentidos emergem dessa relação que mantém com as posições tomadas.

3. Considerações analíticas

No presente trabalho, analisaremos seqüências discursivas (SDs) respeitantes às proposições sobre a língua presente na obra *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil* de Serafim da Silva Neto. A partir dessas seqüências discursivas, procuramos explicitar o processo da constituição do sujeito na discursividade analisada, visto que é a discursividade que nos indica “como o sujeito está posto, como ele está significando sua posição, como a partir de suas condições (circunstâncias da enunciação e memória) ele está praticando a relação do mundo com o simbólico materializando sentidos, textualizando, formulando, breve, ‘falando’” (Orlandi, 2005, p. 67).

Para tanto, consideramos que o sujeito do nosso corpus de análise se inscreve numa FD que abrange os saberes pertencentes aos estudos sobre a linguagem a partir da década de 40, contemplando, pois, tanto os estudos filológicos, quanto os estudos lingüísticos. Essa FD, para nós, é resultante do contexto sócio-histórico em que a materialidade discursiva se insere, ou seja, do surgimento da Lingüística Moderna no Brasil, e da ideologia dominante, a dos estudos filológicos. Assim, analisaremos esse discurso científico sobre a linguagem em voga na década de 50, tendo em vista, especificamente, a presença da posição-sujeito filólogo e da posição-sujeito lingüista, buscando apreender os efeitos de sentidos que essas duas posições produzem sobre a constituição do sujeito.

Como já ressaltamos, é o olhar do filólogo que predomina na FD que perpassa sobre o discurso analisado. No entanto, a FD não se caracteriza somente por uma única ideologia, pois ela é atravessada por saberes discursivos que advêm de outras FIs, sendo, portanto, heterogênea. Ao ser heterogênea, abriga em seu interior diferentes posições-sujeito, as quais podem ou não estar em contradição. A FD caracteriza-se, então, por uma concomitância de saberes e de posições-sujeito, cujas fronteiras podem se movimentar para dialogarem em seu interior.

Nesse sentido, percebemos que o sujeito pode se relacionar de diversas maneiras com os saberes que constitui a FD. Trazemos, então, as seqüências discursivas (SDs) selecionadas para evidenciar a relação do sujeito com os saberes e as posições-sujeito da FD em que se inscreve:

SD1: “*Foi meu escopo encontrar apoio na história do Brasil, na formação e crescimento da sociedade brasileira, para colocar a língua no verdadeiro lugar: expressão da sociedade, inseparável da história da civilização*” (p. 5)

SD2: “*Mas a verdade é que a língua, longe de ser um organismo, é um produto social, é uma atividade do espírito humano [...] as línguas seguem o destino de quem as falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam*” (p. 14)

SD3: “*Desde Saussure pelo menos, sabe-se que a língua é um sistema, rigorosamente conexo, de meios de expressão comuns a um conjunto de seres. [...] Apesar disso, porém, cada pessoa tem seu jeito de falar a própria língua, de modo que tantas há quantos são os indivíduos*” (p. 18).

SD4: “*A língua é uma sucessão de fases, de continuidades: cada fase é resultante das anteriores. Ora, viajando para o Brasil, o português foi desarraigado.*” (p. 218)

A primeira SD, como podemos observar, localiza-se no início da obra, mais precisamente, no primeiro parágrafo, mostrando-nos de imediato o lugar em que o

sujeito se inscreve, ou seja, indica-nos que a ideologia *a priori*, por assim dizer, é a do filólogo. Essa determinação ideológica do sujeito aponta para a posição-sujeito filólogo inerente à FD dessa materialidade discursiva. A ideologia e essa tomada de posição-sujeito evidenciam-se na SD1, sobretudo, pelo caráter histórico, “*encontrar apoio na história do Brasil, na formação e crescimento da sociedade brasileira*”, e pela concepção de língua, a qual é, para os filólogos, ligada à história, à cultura, e à sociedade, “*colocar a língua no verdadeiro lugar: expressão da sociedade, inseparável da história da civilização*”.

Na SD2, esse sujeito que inicialmente se coloca numa posição homogênea, desliza para outro lugar, para o lugar do já-dito, ou seja, desliza para a heterogeneidade. Esse já-dito refere-se à retomada de Saussure, “*a língua como produto social*”, instaurando a posição-sujeito lingüista na materialidade discursiva, porque o sujeito não faz uma simples menção ao que Saussure postulou, ele toma essa asserção na constituição de seu discurso, identificando-se com ela. Essa posição passa, pois, a constituir o sujeito e a produzir efeitos de sentidos na discursividade.

Concomitante a posição-sujeito lingüista, há na SD2 a posição-sujeito filólogo, “*as línguas seguem o destino de quem as falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam*”, visto que para os filólogos as modificações que a língua sofre são resultantes dessa relação sujeito/sociedade. Ou seja, as duas posições-sujeito estão funcionando ao mesmo tempo, não se opondo, mas se identificando, dialogando. Logo, essa retomada do já-dito, não se trata meramente de uma retomada, trata-se de uma (re)significação, visto que o postulado saussuriano deixara o sujeito/falante de lado, o tal famoso corte saussuriano, e na SD2 verificamos que o sujeito/falante faz parte da constituição da língua, consideração esta que advém da posição-sujeito filólogo. Essa (re)significação, instaurando um novo significado, é resultante, então, da troca de saberes que se tem entre as duas posições-sujeito latentes em nosso corpus discursivo.

Dessa forma, essas posições-sujeito remetem aos diferentes saberes presentes no interior de uma mesma FD, mostrando-nos que não há fronteiras estanques entre eles, visto que, como observarmos na SD2, os saberes transitam, movimentam-se, dialogam no mesmo espaço para de uma certa forma se complementarem. Além disso, percebemos que esses saberes que comportam a FD são afetados por uma memória do dizer, no caso da SD2, o discurso de Saussure - o discurso fundador da Lingüística Moderna no início do século XX - afetando o sujeito na constituição de seu dizer.

Isso que foi observado na SD2, também pode ser entendido na SD3, mas agora apresentando explicitamente a referência a Saussure e à questão da língua como sistema, “*Desde Saussure pelo menos, sabe-se que a língua é um sistema*”. Novamente o sujeito posiciona-se de acordo com os saberes que advém da Lingüística, ou seja, é a posição-sujeito lingüista que emerge a partir disso. Quanto à posição-sujeito filólogo, ela emerge ao se considerar que: “*cada pessoa tem seu jeito de falar a própria língua, de modo que tantas há quantos são os indivíduos*”, consideramos isso, pois, para os filólogos, a língua expressa a sociedade, mas esta não é entendida como homogênea, sendo esse um dos fatores para que a língua se modifique, a qual é empregada conforme os indivíduos e o estilo de cada um.

Essas duas posições-sujeito estão marcadas na SD3 através de dois elementos lingüísticos, “*Apesar disso, porém*”, e se atentarmos a eles percebemos que, normalmente, ou melhor, do ponto de vista gramatical, eles indicam uma oposição, uma

idéia contrária, isto é, instauram na SD uma aparente oposição entre os saberes de cada posição. No entanto, do ponto de vista semântico, esses elementos lingüísticos parecem não estar funcionando como uma contradição de posições ou de saberes, mas funcionando como um acréscimo de idéias, de saberes, os quais advêm de perspectivas diferentes. Há, portanto, uma complementação entre eles, cuja procedência é de instâncias divergentes.

Considerando a SD5, “*A língua é uma sucessão de fases, de continuidades: cada fase é resultante das anteriores*”, podemos dizer que se supõe de uma (re)leitura de Saussure, pois é possível fazer um contraponto com a afirmação que se tem na obra *O Curso de Lingüística Geral (1995)*:

“A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio de continuidade, que anula a liberdade. A continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações” (p. 93).

Aqui se instaura, portanto, a posição-sujeito lingüista através de uma (re)atualização do já-dito, ou seja, ambas as assertivas estão na mesma FD, mas devido ao fato de nosso corpus de análise apresentar a ideologia filológica como dominante, a posição-sujeito lingüista está subordinada a ela. Dito de outro modo, a (re)leitura de Saussure está sob o viés do filólogo, ou seja, o sujeito se apropria desse saber para embasar a posição-sujeito filólogo, trazendo-o de maneira diferente, sob a perspectiva da história da língua do Brasil: “*Ora, viajando para o Brasil, o português foi desarraigado*”.

Diante do que observamos nas SDs, retomamos o que Pêcheux formulou em seu livro *Semântica e Discurso (1988)* a respeito da tomada de posição, que, segundo esse autor, deve ser:

“compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é, o efeito da ‘exterioridade’ do real ideológico-discursivo, na medida em que ela ‘se volta sobre si mesma’ para se atravessar” (p. 172)

Assim sendo, verificamos que esse movimento entre a posição-sujeito lingüista e a posição-sujeito filólogo é decorrente da exterioridade, das condições de produção desse discurso, nesse momento em especial. No entanto, dessa relação não emerge a contradição, e sim a constituição do sujeito cientista da linguagem tendo como base saberes que estão postos em lugares que divergem. Ou seja, tem-se um atravessamento de saberes, que se dá via interdiscurso e determinação ideológica, abrindo o espaço para o diferente no interior da materialidade discursiva.

4. Considerações finais

A nossa análise nos leva a considerar que o sujeito discursivo constitui-se a partir de um deslocamento, entre o “eu”, que representa a inscrição social, a ideologia dominante, ou seja, a posição-sujeito filólogo, e o “outro”, marcado pelo interdiscurso e representando a posição-sujeito lingüista. Nesse sentido, depreendemos que a constituição do sujeito acontece num lugar intervalar, entre a posição ideológica e o atravessamento do interdiscurso, decorrente, por conseguinte, desse deslocamento do “eu” e do “outro”. Logo, o sujeito discursivo que evidenciamos em nosso corpus de análise se constitui e se subjetiva nesse movimento das posições-sujeito, as quais são resultantes da

exterioridade, dos elementos sócio-histórico-ideológicos que perpassam sobre os estudos da linguagem das décadas de 40 e 50.

Há, portanto, como corrobora Cazarin (2007), uma “movência de saberes e de sentidos”. A essa afirmação podemos ainda acrescentar que há também uma movência de posições-sujeito, da qual resulta a (des)identificação do sujeito discursivo, pois, embora o filólogo e o lingüista visam a perspectivas diferentes, isto é, desidentificam-se, percebemos, no interior da materialidade discursiva analisada, uma identificação entre esses dois saberes, mas uma identificação que busca a subjetivação de um no outro. Ou seja, não se tem uma contraposição, ou melhor, uma contra-identificação entre as posições-sujeito que o sujeito toma, o que há é uma relação de identificação e dialógica entre os saberes que advém de lugares diferentes. Por fim, para fechar a nossa reflexão, podemos dizer que é devido à tomada de posições que os saberes se movimentam, e que é, sobretudo, na e pela língua que o sujeito tem a possibilidade de se subjetivar e de se constituir como tal.

Referências e Citações:

CAZARIN, Ercília Ana. “Posição-sujeito: um espaço enunciativo heterogêneo” (p. 109-122). In: *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). São Carlos, editora Clara Luz, 2007.

MATTOSO, J. Câmara. “A Lingüística Brasileira” (p.45-64). In.: *Tendências Atuais da lingüística e da Filologia no Brasil*. NARO, Anthony Julius (org.). Rio de Janeiro, editora Francisco Alves, 1976.

_____. *Princípios de Lingüística Geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 4ª edição, 1974.

NETO, Serafim da Silva. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento de imprensa Nacional, 1951.

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas, editora Pontes, 3ª edição, 2001.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, editora Pontes, 4ª edição, 2004.

_____. *Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos*. Campinas, editora Pontes, 2ª edição, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi, Campinas, editora Unicamp, 1988.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, editora Cultrix, 1995.